



25.^a CONFERÊNCIA ANUAL ALEXIS DE TOCQUEVILLE

Europa numa Nova Era

A vaga democrática que começou aqui em Portugal chegou ao fim no início do presente século; forças iliberais ganharam força no interior das democracias; e autocracias ressurgentes ampliam as ameaças vindas do exterior.

Introdução

É para mim uma honra ter sido convidado a proferir a 25.^a Conferência anual Tocqueville. Como sabem, Alexis de Tocqueville viajou até aos Estados Unidos e ajudou a explicar este novo país à Europa — e também a si próprio. Não posuo os poderes de perspicácia do aristocrata francês, nem o seu estilo literário incomparável. Mas, de forma mais modesta, partilho a sua aspiração: oferecer as minhas impressões sobre um continente que não é o meu, na esperança de que alguns dos seus habitantes — e também aqueles que vivem noutros lugares — as considerem instrutivas.



William A. Galston

SENIOR FELLOW, THE
BROOKINGS INSTITUTION,
WASHINGTON, DC

Uma breve apresentação pessoal parece apropriada.

Nasci apenas alguns meses após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando os estadistas começavam a construir as

instituições — internacionais e transatlânticas — que trouxeram paz e segurança a uma Europa devastada. O fascismo fora derrotado e o comunismo seria contido. Os laços entre o meu país e este continente nunca tinham sido tão estreitos. Quando o Muro de Berlim caiu e a União Soviética colapsou, a democracia liberal — a forma de governo partilhada pelos Estados Unidos e pela Europa Ocidental — surgiu triunfante.

O momento foi jubiloso. Como escreveu o poeta William Wordsworth sobre os dias entusiasmantes que se seguiram à Revolução Francesa: “Bliss was it in that dawn to be alive, but to be young was very heaven!” (“Que felicidade era estar vivo

naquela aurora, mas ser jovem era o verdadeiro paraíso.”)

O seu momento de felicidade não durou muito — e o nosso também não. A vaga democrática que começou aqui em Portugal chegou ao fim no início do presente século; forças liberais ganharam força no interior das democracias; e autocracias resurgentes ampliam as ameaças vindas do exterior. Entretanto, as “térmitas” do nacionalismo populista foram corroendo os alicerces do apoio americano à unidade e segurança europeias.

Como todos sabemos, estas forças triunfaram nos Estados Unidos e estão a incentivar o crescimento de movimentos semelhantes noutros países. Como consequência direta, a ordem que os nossos pais e avós construíram e nos legaram está a morrer e não pode ser restaurada — uma realidade difícil confirmada pelo resultado das eleições presidenciais norte-americanas de 2024.

A nova postura dos Estados Unidos em relação à Europa aproximou os países europeus entre si e aumentou significativamente o apoio à União Europeia. Mas a questão permanece: para que fim utilizará a Europa esta nova unidade? Aproveitará o momento ou desperdiçá-lo-á com medidas tímidas e incompletas?

A resposta depende dos diplomados presentes nesta sala e de outros como vocês. À vossa geração cabe a responsabilidade de construir uma Nova Europa: um continente mais autónomo na sua defesa, mais inovador na sua economia e mais unido na sua política. Não será fácil. Mas, se a Europa pretende sobreviver e prosperar neste século, é essencial.

Autodefesa

Começo pela autodefesa. Aqui em Lisboa, pode ser fácil

À VOSSA GERAÇÃO CABE A RESPONSABILIDADE DE CONSTRUIR UMA NOVA EUROPA: UM CONTINENTE MAIS AUTÓNOMO NA SUA DEFESA, MAIS INOVADOR NA SUA ECONOMIA E MAIS UNIDO NA SUA POLÍTICA

acreditar que a invasão da Ucrânia pela Rússia não representa uma ameaça à vossa segurança. Mas não alimentem a ilusão de que as ambições de Vladimir Putin terminam na fronteira da Polónia. Afinal, ele afirmou que considera o colapso da União Soviética a maior catástrofe geopolítica do século XX e está determinado a reconstituir esse império. O seu objetivo final é criar uma divisão entre os Estados Unidos e a Europa, destruir a NATO e subordinar o maior número possível de nações europeias às suas ambições autocráticas.

Já não é novidade que os Estados Unidos estão a deslocar o seu foco estratégico da Europa para a Ásia Oriental e para o hemisfério ocidental, precisamente quando a ameaça russa à Europa aumenta. Isto não significa que a NATO se dissolverá nem que os Estados Unidos cessarão todo o apoio à Ucrânia. Significa, contudo, que a Europa terá — e deverá — assumir uma parte muito maior do esforço de defesa contra ameaças externas.

Esta realidade exige mudanças fundamentais nas políticas públicas. Após a Guerra Fria, a Europa reduziu as despesas militares e diminuiu a dimensão das suas forças armadas. A renovada ameaça proveniente da Rússia significa que a próxima geração europeia — a vossa geração — será compelida a inverter estas tendências.

Não será fácil. “Vladimir Putin tem de ser travado na Ucrânia”, afirma Alexander Sollfrank, um general alemão de alta patente, “se quisermos preservar a nossa paz e a nossa liberdade, os nossos sistemas políticos, a nossa democracia, o nosso pluralismo... e tudo aquilo que temos”.

No entanto, Putin investiu demasiado nesta guerra para recuar sem ser forçado a fazê-lo, e as perspetivas de quebrar a aliança estratégica entre a Rússia e a China que sustenta o conflito são sombrias.

As implicações são inevitáveis. As despesas de defesa na Europa terão de aumentar e manter-se elevadas durante muitos anos. As forças armadas terão de crescer, o que poderá exigir o regresso do serviço militar obrigatório em alguns países. No entanto, 63% dos jovens alemães elegíveis para a conscrição opõem-se a essa medida — e não estão sozinhos. Em toda a Europa, incluindo em Portugal, grandes majorias de jovens adultos rejeitam a conscrição. A mentalidade moldada por décadas de paz não mudará facilmente.

Mas se a paz europeia depende de uma Ucrânia estável, travar Putin e reforçar a defesa europeia não será suficiente. Embora a adesão à NATO seja uma perspetiva distante, a integração da Ucrânia nas estruturas de segurança europeias existentes deve ocorrer o mais rapidamente possível. Se a Ucrânia pretende recuperar e prosperar, deve

ser colocada numa via rápida de adesão à União Europeia. A adesão é o melhor instrumento para acelerar o crescimento, reduzir a corrupção e fortalecer a democracia. A entrada da Ucrânia poderá exigir alguns ajustamentos de curto prazo por parte dos atuais membros, mas representa a melhor esperança da Europa para o futuro.

Outro desafio consiste em reforçar a capacidade europeia de produzir armamento avançado, o que exigirá muito maior cooperação entre os países europeus na conceção e produção desses sistemas. Os interesses nacionais enraizados que se opõem a essa integração terão de ser persuadidos — ou compelidos — a apoiá-la.

Crescimento económico e inovação

O aumento das responsabilidades europeias em matéria de defesa tem um custo significativo que pressionará os orçamentos de todos os Estados-membros da União Europeia — e o próprio orçamento da UE.

Isto levanta uma questão profunda: poderá aquilo que se designa por modelo social europeu — os programas que proporcionam aos europeus mais segurança económica e bens públicos ao longo da vida do que a maioria dos americanos possui — permanecer intocado enquanto as despesas com segurança militar aumentam?

Como demonstram os recentes conflitos sociais em França, a oposição mesmo a reduções modestas nos programas sociais pode ser esmagadora.

Existem três formas possíveis de preservar o modelo social europeu.

Primeiro, aumentar os impostos para evitar que os défices orçamentais se tornem insustentáveis. A dificuldade é que muitos países europeus já apre-

sentam níveis elevados de tributação e novos aumentos poderão travar o crescimento económico, que já é pouco robusto. Concentrar impostos adicionais nas empresas e nos indivíduos mais ricos — a abordagem preferida pela esquerda em França e noutros países — tornaria o crescimento ainda mais difícil.

A segunda opção consiste em financiar maiores despesas de defesa através de défices anuais mais elevados e do aumento da dívida pública. Esta opção é viável, pelo menos temporariamente, em países como Alemanha, Polónia, os países escandinavos e os Estados bálticos, que ainda apresentam níveis relativamente baixos de dívida.

Mas grande parte da Europa não pode seguir muito mais esse caminho. Os números são claros:

- Grécia — dívida equivalente a 153% do PIB
- Itália — 138%
- França — 114%
- Espanha — 104%
- Portugal não está muito longe de Espanha, com uma dívida pública equivalente a cerca de 96% do PIB.

Para estes países, um aumento adicional da dívida implicaria taxas de juro mais elevadas, maior pressão orçamental e menos investimento — o verdadeiro motor do crescimento.

A terceira opção, que considero a melhor, consiste em acelerar o crescimento económico.

Durante os últimos quinze anos, a economia norte-americana cresceu muito mais rapidamente do que a europeia. Desde 2017, a principal economia da Europa, a Alemanha, cresceu apenas cerca de 1%, enquanto os Estados Unidos cresceram cerca de 19%.

Não há muito tempo, as economias americana e europeia apresentavam níveis seme-

FORTALEÇAM O CENTRO POLÍTICO, DEFENDENDO SEM RECEIO POLÍTICAS QUE PROMOVAM O BEM COMUM DOS VOSSOS POVOS E A DEFESA COMUM DO VOSSO CONTINENTE. SEJAM AUDAZES

lhantes de produtividade. Hoje, a produção por pessoa nos Estados Unidos ronda os 86 mil dólares anuais, comparados com cerca de 56 mil na Alemanha. Estes números podem parecer abstratos, mas na prática traduzem-se em níveis de vida mais baixos para a maioria dos europeus e numa competição mais dura por recursos escassos.

Além disso, a incapacidade europeia de gerar empregos suficientes significa que cerca de 15% dos jovens adultos estão desempregados — um desperdício de capital humano e uma ameaça à estabilidade social.

Governança eficaz e unidade política

Finalmente, abordo os desafios políticos que a vossa geração enfrenta.

Durante grande parte da minha vida, os governos europeus foram dominados por fortes partidos de centro-esquerda e centro-direita. Por vezes competiam; outras vezes governavam juntos em “grandes coligações”. Em qualquer dos casos, definiam os limites do que era politicamente possível — e aceitável.

Na última década, porém, esses partidos perderam terreno: algum para a extrema-esquerda, mas sobretudo para a direita populista.

Na Alemanha, por exemplo, os partidos CDU e SPD chegaram a obter cerca de 80% dos votos; hoje mal alcançam uma maioria. No Reino Unido, os conservadores foram severamente enfraquecidos, o governo trabalhista enfrenta dificuldades e o partido Reform cresce rapidamente. Em França, a tentativa audaciosa de Emmanuel Macron de construir uma maioria centrista enfraqueceu tanto os socialistas como os gaullistas.

A eleição presidencial francesa de 2027 poderá mesmo opor um candidato da esquerda radical de La France Insoumise ao líder do partido Rassemblement National de Marine Le Pen.

Tendências semelhantes são visíveis no meu próprio país.

Não possuo uma fórmula mágica para inverter esta situação. Mas tenho uma proposta: fortaleçam o centro político, defendendo sem receio políticas que promovam o bem comum dos vossos povos e a defesa comum do vosso continente. Sejam audazes. Medidas tímidas não captam a imaginação pública — nem têm sucesso.

Conclusão

Concluo como comecei, com uma nota pessoal.

Pertenço a uma geração que apoiou a parceria transatlântica não apenas por razões económicas ou de segurança coletiva, mas como uma necessidade moral. Sabíamos o que acontecera quando

os Estados Unidos se voltaram para dentro após a Primeira Guerra Mundial, e estávamos determinados a não repetir esse erro.

Não combatemos na Segunda Guerra Mundial — os nossos pais combateram — mas crescemos sob a sua sombra. A unidade entre as democracias americana e europeia era um compromisso profundamente enraizado em nós.

A minha geração está a sair de cena. Para as gerações seguintes — os nossos filhos e netos — a Segunda Guerra Mundial já não é uma memória viva. Muitos acreditam que os Estados Unidos podem voltar ao isolacionismo sem pagar um preço.

Paradoxalmente, uma das poucas lições da História é que não existem lições permanentes da História. À medida que a experiência se transforma em memória e a memória se desvanece com a passagem das gerações, a humanidade é condenada a reaprender, muitas vezes dolorosamente, a sabedoria do passado esquecido.

Não podemos regressar ao passado. Mas, à medida que a vossa geração entra na vida pública, pode ajudar o vosso país e o vosso continente a avançar para um futuro melhor.

Os esforços da minha geração para enfrentar os desafios do nosso tempo não terminaram bem — e não teremos uma segunda oportunidade. Vocês estão apenas a começar, e um mundo de possibilidades abre-se diante de vós.

Se enfrentarem os desafios do vosso tempo com coragem e determinação, poderão prevalecer contra as forças que nos querem arrastar de volta para tempos mais sombrios — e encontrar sentido e propósito nessa luta.

Que saibam aproveitar essa oportunidade.

Boa sorte e boa viagem. NC